

Teatro & Dança

Coordenação **Cristina Margato**
cmargato@expresso.impresa.pt

Se existe um final feliz, ele decorre desta espécie de justiça afetiva que, nos piores momentos, nunca se ausenta da vida das personagens



ESTELLE VALENTE

Sobre a verdade

“Tudo Sobre a Minha Mãe”, peça de teatro inspirada no filme de Almodóvar, recria a ideia de família e de estrutura familiar a partir de uma rede de afetos e de verdade

TEXTO JOÃO CARNEIRO

TUDO SOBRE A MINHA MÃE

De Samuel Adamson

Teatro São Luiz, Lisboa, até dia 22

“Tudo Sobre a Minha Mãe” é um filme de Pedro Almodóvar que foi estreado em 1999, com grande êxito de crítica e de bilheteira. No final existe uma dedicatória do realizador: a Bette Davis, a Gena Rowlands e a Romy Schneider. E ainda, de maneira mais extensa, “a todas as atrizes que fizeram de atrizes, a todas as mulheres que atuam, aos homens que atuam e que se convertem em mulheres, a todas as pessoas que querem ser mães. À minha mãe”. Em 2007 foi estreada, em Londres, a peça de teatro “Tudo Sobre a Minha Mãe”, de Samuel Adamson. Com o mesmo título do filme, é também uma recriação dramática do mesmo. Do ponto de vista das personagens e dos conteúdos, a peça é fiel ao filme. O que se altera é, algo previsivelmente, a estratégia narrativa, que decorre da especificidade de cada médium: ao cinema o que é do cinema, ao teatro o que é do teatro. É, aliás, um aspeto salientado por Daniel Gorjão, o encenador. Se o seu apreço pelo filme de Almodóvar

está fora de questão, não foi o filme que ditou a sua leitura da peça e a sua encenação. Ao teatro pertence um registo próprio, na maneira de contar, no tipo de representação, no trabalho das e dos artistas que integram o espetáculo. A cenografia, por exemplo, é nesta versão muito depurada, até nas cores utilizadas, cujas manchas mais berrantes estão, essencialmente, nos figurinos: coloridos, exuberantes, quase como se “saídos de uma passadeira vermelha”. No cerne da narrativa estão Manuela e o seu filho Esteban. Ela é enfermeira, ele quer ser escritor e vai fazer 17 anos. Vão ao teatro ver a grande atriz Huma Rojo em “Um Elétrico Chamado Desejo”, de Tennessee Williams; é o presente de aniversário de Manuela a Esteban. No fim, ele quer um autógrafa, e quando tenta falar com a atriz, que se mete num carro, sem falar com ele e sem lhe dar o autógrafa, é atropelado e morre. A partir daqui, Manuela começa uma viagem que a vai levar de Madrid a Barcelona, em busca de Lola, o pai de Esteban. Reencontra

a sua grande amiga Agrado; que não via há anos; conhece Rosa, uma freira que trabalha com pessoas em risco; conhece Huma Rojo, a atriz, que representa agora em Barcelona, e trabalha para ela, um tempo, como assistente pessoal; representa no “Elétrico...”, numa substituição de última hora; reencontra Lola, finalmente, que morre pouco depois. Um dos traços mais salientes, e de uma inestimável riqueza, é a caracterização das personagens. Manuela é uma mulher heterossexual, mãe de um rapaz adorador, que morre brutalmente; Agrado é uma mulher que foi camionista, em Paris, antes de pôr mamas e de mudar de profissão, para ser puta; Rosa, a freira, está grávida, e o pai da criança é Lola. Ser mulher, neste caso, é ser mulher de várias maneiras, o que inclui, no caso de Agrado (e de Lola), não ter abdicado dos órgãos masculinos abaixo da cintura — até porque, como diz Agrado, isso seria mau para a profissão. Lola não é menos pai por ser agora também uma mulher, com os mesmos atributos de Agrado. E Rosa não abdica de ser mãe por ser ou ter sido freira. Huma Rojo é uma mulher lésbica, e todas se encontram, incluindo a mãe de Rosa, no extenso percurso da peça, numa comunidade que recria os laços da família a partir dos afetos. É esta dimensão afetiva que permite superar as muitas dificuldades com que todas as personagens se deparam, desde a violência do quotidiano e do trabalho até ao confronto, insistente, com a morte. Se existe um final feliz, ele decorre, justamente, desta espécie de justiça afetiva que, nos piores momentos, nunca se ausenta da vida das personagens. “Tudo Sobre a Minha Mãe” recria a estrutura familiar a partir de uma realidade que substitui estereótipos e coloca neles pessoas. Se essas pessoas são essencialmente boas, isso é, ainda, um dos grandes trunfos da obra — de Adamson e, essencialmente, de Almodóvar. Para citar uma fala de Blanche, em “Um Elétrico Chamado Desejo”, e que não figura nem no filme nem na peça: “Não digo a verdade. Digo aquilo que a verdade deveria ser.” Manuela é interpretada por Sílvia Filipe e Esteban por João Sá Nogueira; são também intérpretes Gaya de Medeiros, Catarina Wallenstein, Maria João Vicente e Teresa Tavares, entre outros. Encenação de Daniel Gorjão. ●